

**ENTRE ESTROGÊNIO E TESTOSTERONAS: METÁFORAS
CONCEPTUAIS DAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM
CRÔNICAS CONTEMPORÂNEAS**

Ana Paula Ferreira (CP II)

anapaferr@gmail.com

Lucas Torres Agostinho (CP II)

umtaldelucas9@gmail.com

Mariana Salles Gusmão (CP II)

marianasalles026@gmail.com

Marina Ramalho da Graça (CP II)

cp2.mari@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar, em crônicas contemporâneas, quais seriam os padrões de comportamento considerados como masculinos e femininos em nossa sociedade, refletindo sobre possíveis influências destes nas representações de relacionamentos amorosos. Foram selecionadas produções de Antonio Prata, Cláudia Tajés, Luis Fernando Veríssimo e Martha Medeiros – autores de forte apelo popular –, que abordaram os papéis atribuídos a homens e mulheres em relações afetivas. Na condução da análise, foram utilizados os pressupostos da Linguística Cognitiva, como a Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Durante muitos anos considerada como um elemento supérfluo, com finalidade única de ornamentação, a metáfora, em uma visão cognitiva, é apresentada como uma figura de pensamento, a qual possibilita uma melhor compreensão de conceitos construídos socialmente e entendimento sobre sentimentos e padrões de comportamento de diferentes grupos sociais (KÖVECSSES, 2002, 2005; SCHRÖDER, 2004, 2008). No *corpus* selecionado, foram encontradas, primordialmente, a imagem da mulher como seres frágeis, delicados, sensíveis e submissos, e a do homem como fortes, provedores, agressivos e racionais.

Palavras-chave:

Crônicas. Linguística cognitiva. Metáfora conceptual. Representações de gênero.

ABSTRACT

This paper aims to identify, in contemporary chronicles, which would be the patterns of behavior considered as male and female in our society, reflecting on their possible influence on the representations of love relationships. We selected productions by Antonio Prata, Cláudia Tajés, Luis Fernando Veríssimo and Martha Medeiros – authors of strong popular appeal – who addressed the roles attributed to men and women in affective relationships. In conducting the analysis, the assumptions of Cognitive Linguistics were used, especially the Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Considered for many years to be a superfluous element, with the sole purpose of ornamentation, the metaphor, in a cognitive view, is presented as a figure of thought, which enables a better understanding of socially constructed concepts and understanding of feelings and behavior patterns from different social groups

(KÖVECSES, 2002, 2005; SCHRÖDER, 2004, 2008). In the selected corpus, we found primarily the image of women as fragile, delicate, sensitive and submissive beings, and that of men as strong, provider, aggressive and rational.

Keywords:

Chronicles. Cognitive linguistics. Conceptual metaphor. Gender representations.

1. Introdução

A preocupação com as diferenças entre os sexos vem, novamente, tornando-se pauta de discussões acaloradas. Longe de permanecer restrita a pesquisadores de diferentes áreas, “especialistas das redes sociais” debatem constantemente sobre o papel do homem e da mulher, e o resultado observado tem sido uma polarização entre dois grupos.

Os membros do primeiro denunciam posturas machistas e defendem a liberdade de a mulher de se expressar e se comportar como lhe convier, incluindo, em tal pacote, o controle de seu corpo; os do segundo afirmam que a mulher precisa agir de forma condizente com sua natureza, de modo delicado, gracioso, comportado, construindo, assim uma oposição entre a mulher “feminina” e a “feminista”.

Certamente, as mulheres sempre sofreram imposições e avaliações pautadas em valores de uma sociedade machista e patriarcal, que silenciava a sua voz e estabelecia o homem como o centro de sua existência. Ao longo das últimas décadas, entretanto, progressos significativos vinham sendo feitos a partir da resistência e da organização de mulheres que questionavam esse lugar de submissão e dependência. A surpresa está no fato de, atualmente, o segundo grupo vir, cada vez mais, ganhando forças, respaldado por discursos considerados oficiais, que autorizam e estimulam seus simpatizantes a expressarem suas opiniões machistas e misógenas, possibilitando, assim, o regresso de alguns pontos que pareciam já terem sido resolvidos e aceitos, tais como a possibilidade de a mulher trabalhar fora e de ter formação superior.

Desse modo, deparamo-nos com instruções de figuras públicas para que as mulheres não tenham mais estudo do que seus maridos, de modo a não humilhá-los, ou com a postulação de um “mundo ideal”, no qual elas não precisariam trabalhar, pois seu lugar é em casa, cuidando da família.

As consequências da reprodução dessas configurações de papéis

considerados como femininos e masculinos não são poucas; conforme esclarece Pinsky (2012),

[...] os discursos sobre o que é “próprio da mulher” ou qual o “seu papel” afetam também as políticas públicas, o valor dos salários, a oferta de empregos, as prescrições religiosas, os procedimentos jurídicos, a educação oferecida e até o trabalho dos cientistas de cada época. (PINSKY, 2012, p. 470)

São decorrentes, desses discursos, situações bastante graves, que, de, certo modo, estão entrelaçadas, apesar de, infelizmente, nem sempre serem percebidas dessa forma. Assim, minimiza-se o constrangimento em afirmar que mulher apanha porque merece, e de que ela pode ganhar menos ao exercer uma atividade profissional “porque engravida”.

Diante dessas considerações, esta pesquisa buscou observar, em crônicas de autores contemporâneos, quais as representações de papéis feminino e masculino encontradas, e como esses padrões de comportamento se refletem nos relacionamentos entre homens e mulheres.

A escolha por trabalhar com crônicas se deve, primordialmente, ao seu caráter despretensioso, à sua linguagem natural, possibilitando, desse modo, seu ajuste “à sensibilidade de todo o dia” e o (re)estabelecimento “da dimensão das coisas e das pessoas” (CÂNDIDO, 2003).

Como suporte teórico para a análise, foram utilizados pressupostos da Linguística Cognitiva, no intuito de observar, a partir do uso da linguagem, o modo como as representações de gênero se configuram em nossa sociedade.

2. A metáfora conceptual e suas variações culturais

De acordo com a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), a metáfora é um mecanismo do pensamento com manifestações linguísticas. Sendo empregada no dia a dia por todas as pessoas, sem que haja a necessidade de uma habilidade especial ou de esforço para o seu uso, a metáfora está longe de ser algo supérfluo, mas é parte integrante do pensamento humano, auxiliando na estruturação deste e na compreensão de conceitos.

Segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 4), “uma metáfora conceptual é uma maneira convencional de conceptualizar um domínio de experiências em termos de outro”. Domínio é o nome dado à área do conheci-

mento ou experiência humana. Na metáfora conceptual, o domínio ao qual se deseja conceptualizar é chamado de domínio-alvo. Por necessitar se uma estruturação para ser compreendido, ele é relacionado a outro domínio, mais significativo: o domínio-fonte. Os dois domínios são, então, ligados por uma projeção metafórica, a qual é motivada naturalmente por uma correlação estrutural que os associa (LIMA; FELTES; MACEDO, 2008, p. 138).

O domínio-fonte é geralmente mais concreto ou físico, e o domínio-alvo, mais abstrato, o que é facilmente justificado pelo fato de este ser utilizado como facilitador do entendimento daquele. Logo, domínios-fonte e domínios-alvo não são reversíveis; o processo metafórico caminharia sempre do mais concreto para o mais abstrato, o que nos leva a confirmar o papel das metáforas conceptuais na compreensão de conceitos de difícil definição. Elas fornecem orientação conceptual em relação a uma experiência que não seria facilmente acessível sem o seu direcionamento.

As metáforas conceptuais motivam a utilização de expressões linguísticas metafóricas e é através destas que aquelas são evidenciadas. Ou seja, as expressões linguísticas metafóricas são as manifestações (modos de falar) das metáforas conceptuais (modos de pensar), sendo, portanto, mecanismo possibilitador de reconhecimento das metáforas conceptuais licenciadoras.

Ao nos depararmos, por exemplo, com expressões linguísticas metafóricas tais como: “nosso casamento não está indo bem”, “esse relacionamento chegou a um beco sem saída”, possibilitadas pela metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM, temos

[...] a compreensão de um domínio da experiência, o amor, em termos de um domínio muito diferente da experiência, as viagens. A metáfora pode ser entendida como um mapeamento [...] de um domínio de origem (neste caso, as viagens) a um domínio alvo (neste caso, o amor). O mapeamento é estruturado sistematicamente. Há correspondências, de acordo com as quais as entidades no domínio do amor (por exemplo, os amantes, seus objetivos comuns, suas dificuldades, a relação amorosa etc.) correspondem sistematicamente a entidades no domínio de uma viagem (os viajantes, o veículo, os destinos etc.) (LAKOFF, 1986, p. 215-16)

Confirmando a importância da cultura na formação das metáforas, Kövecses (2002) apresenta exemplos em que domínios-fonte distintos são utilizados para um mesmo alvo em línguas diferentes. São as chamadas metáforas alternativas, que demonstram as variações interculturais.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

É o caso das metáforas FELICIDADE SÃO FLORES NO CORAÇÃO e ESTAR FELIZ É ESTAR COM OS PÉS FORA DO CHÃO. Enquanto a primeira é bastante usual na língua chinesa e inexistente na língua inglesa, o inverso ocorre com a segunda. De acordo com Ning Yu (1998, apud Kövecses, 2010), essas metáforas refletem o caráter de seus falantes (respectivamente, mais introspectivo e mais extrovertido).

Em estudo comparativo sobre o conceito de amor entre alemães e brasileiros, Schröder (2004, 2008) também defende que a cultura influencia no uso de metáforas. Enquanto, na Alemanha, a metáfora AMOR É UM APARELHO FUNCIONANDO é bastante frequente, as metáforas AMOR É CONQUISTA e AMOR É COMIDA prevalecem no Brasil.

Kövecses (2005) igualmente demonstra a presença de variações metafóricas dentro de uma mesma cultura, pois grupos sociais diferentes podem apresentar concepções díspares acerca de certos aspectos do mundo. No Japão, por exemplo, há a conceptualização de MULHERES como MERCADORIAS, e, conseqüentemente, como PRODUTOS EM PROMOÇÃO. Com os homens, porém, isso não acontece. Expressões como “essa mulher é minha” são comumente encontradas, o que não ocorre, no entanto, com “esse homem é meu”. Verifica-se, assim, como o pensamento e a linguagem metafórica refletem a divisão social entre homens e mulheres.

Como se pode perceber, “significados e também metáforas não são conceitos estáveis e culturalmente entrincheirados, mas, sim, são negociados e re-negociados no decorrer da interação social” (SCHRÖDER, 2008, p. 41). Quando as características da cultura mudam, o mesmo ocorre com as metáforas e com as expressões linguísticas metafóricas.

Nesse sentido, as metáforas são tão culturais quanto cognitivas. Assim sendo, o estudo das metáforas apresenta-se como fundamental para a compreensão de uma determinada cultura, a partir da conceptualização de suas experiências. As metáforas acabam por refletir a ideologia e a visão de mundo da cultura a qual pertencem.

3. Modelos Cognitivos Idealizados e a categorização de grupos sociais

Em *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about mind*, Lakoff (1987) desenvolve um estudo aprofundado sobre a metáfora, refletindo sobre as categorias e modelos cognitivos, e suas implicações filosóficas. O autor apresenta uma nova percepção, que valori-

za o modo como os conhecimentos são organizados por meio de “modelos cognitivos idealizados”.

Para o início das considerações acerca dos modelos cognitivos idealizados (doravante MCIs), é necessário primeiramente destacar a concepção de significado para Lakoff (1987, p. 292): “O significado não é uma coisa; ele envolve o que é significativo para nós. Nada é significativo em si mesmo. A significatividade deriva da experiência da atuação como um ser de um certo tipo em um ambiente de um certo tipo.”

Os MCIs, frutos da experiência humana e de sua capacidade de categorização, são resultados da interação entre o aparato cognitivo humano (corporalizado) e a realidade. Eles representam coesões estruturais “que juntam conceitos metafóricos, formando, desse modo, teorias cotidianas, isto é, padrões específicos de cultura [...] que residem implicitamente nas estruturas metafóricas, determinando o pensamento e os atos dos falantes.” (SCHRÖDER, 2008, p. 40).

Desse modo, pode-se afirmar que eles têm sua determinação estabelecida a partir de crenças, valores, necessidades, propósitos, etc., sendo utilizados para organizar domínios de experiências distintos, para entender o mundo e para dele extrair sentido.

Almeida *et al.* (2009) definem os MCIs como “representações cognitivas estereotipadas” e “conjunto de expectativas que ‘montam o cenário’ para o uso adequado da palavra.” (p. 24). Como exemplo, trazem o MCI de CASAMENTO, a ideia de casamento heterossexual monogâmico e dentro de uma certa idade.

Essas representações idealizadas não necessariamente representam o mundo real, pois, como se sabe, nem todos os casamentos são heterossexuais e monogâmicos, assim como nem todas as pessoas se casam dentro de uma faixa etária predeterminada. Lakoff (1987) sinaliza tal ocorrência a partir dos chamados efeitos prototípicos.

Segundo a Teoria dos Protótipos de Rosch (1973), determinados membros são considerados como mais representativos de uma espécie por suas propriedades, as quais são memorizadas mais facilmente e possibilitam a inferência de generalizações sobre a categoria em questão.

Para melhor compreensão dessa teoria, Lakoff (1987) apresenta a categoria “mãe”, que pode ter várias acepções, dependendo do contexto. Há vários modos de pensar a figura materna: o modelo biológico da mãe que gerou a criança e que cuida do filho é o membro prototípico, mas são

igualmente existentes, por exemplo, a mãe doadora de leite e a mãe adotiva. O membro prototípico é aquele que apresenta as características que são esperadas em uma comunidade, ou seja, as características que compõem o MCI. As mães que apresentam apenas algumas das propriedades constituirão os membros não-prototípicos. Na frase de Lakoff (1987, p. 76) “necessidade é a mãe da invenção”, o conceito de “mãe” é usado no sentido de fonte de estímulo.

Membros prototípicos dentro de uma categoria são considerados os modelos ideais e recebem, portanto, status especial. Categorias como MÃE, conforme visto, assim como as de MARIDO, ESPOSA etc. têm seus membros exemplares, e eles ditam como devemos agir no mundo e quais as emoções validadas como decorrentes dessas ações (KÓVECSSES, 2006). Nesse sentido, afirmações como “em um mundo ideal, a mulher ficaria em casa e seria sustentada pelo marido” e “a mulher deve ser bela, recatada e do lar” são, desse modo, bastante representativas de um modelo do que é ser MÃE e MULHER.

4. Os papéis atribuídos a homens e mulheres em crônicas contemporâneas

Conforme mencionado, no intuito de identificar as representações dos comportamentos femininos e masculinos preponderantes em nossa sociedade, foram analisadas crônicas de autores contemporâneos, a saber, Antonio Prata, Luis Fernando Verissimo, Claudia Tajes e Martha Medeiros. A escolha por esses cronistas se deve ao fato de seus textos atingirem a um grande público, sendo veiculados em jornais de boa circulação, tais como *Folha de S. Paulo*, *Estadão*, *Zero Hora* e *O Globo*. Houve, igualmente, a intenção de trabalhar com autores do sexo feminino e do sexo masculino, a fim de verificar a existência (ou não) de uma possível divergência de posicionamentos.

4.1. Antonio Prata e a “desequilibrada da TPM”

Na crônica “Pela TPM nas salas de aula!”, Antonio Prata afirma que os homens não sabem lidar com as mulheres durante a TPM (tensão pré-menstrual) e relata, em um quase manifesto, o seu desejo pelo ensino ou por algum tipo de treinamento e preparação para que eles possam saber como se portar quando elas estiverem nesse período.

[...] Ainda não sei o que fazer, por exemplo, quando vai chegando perto o dia da menstruação e minha namorada faz perguntas do tipo: “Esta malha fica bem em mim?”. Se digo que não, ela pode ficar profundamente magoada e achando que o problema não é a malha, é ela... Se digo que está linda, posso ouvir: “Você só fala isso porque sabe que eu tô na TPM! Minha roupa está horrorosa, eu vou sair feia por aí e você nem me conta!”

Tenho esperanças de que um sábio professor entre na sala e escreva na lousa: “TPM, o que é e como lidar – guia prático para homens desesperados”.

Durante o texto, o autor descreve as mulheres como sendo seres instáveis, e estabelece uma relação entre os padrões de comportamento esperados e as quebras desses padrões, ocasionadas pela TPM – a qual faz com que as mulheres se tornem mais sensíveis e até alteradas, levando-as a chorar por motivos que ele classifica como banais, ou por ficarem irritadas com pequenos problemas.

O sexo oposto, durante alguns dias, todo mês, age de maneira absolutamente diferente da habitual. Nesses períodos nebulosos, uma gota de leite que caia para fora do copo pode desencadear uma choradeira [...].

Acho que seria muito mais importante, na 1ª série, ter aprendido que em certos dias do mês as mulheres, digamos, ficam meio alteradas do que decorar a tabuada do 9.

Verifica-se, assim, a conceptualização da MULHER como um SER INSENSATO, DESEQUILBRADO. O HOMEM, por conseguinte, seria o SER SENSATO, e, por isso, precisa aprender a lidar com as desequilibradas.

É interessante observar que certas posturas - as quais, para os homens, poderiam ser consideradas normais -, para as mulheres, são vistas como resultado de um desequilíbrio hormonal, causado pela TPM.

Hoje olho para trás e entendo certos acontecimentos: quando a professora surtou porque o fundão não ficava quieto ou o dia em que minha mãe brigou com o caixa da padaria porque ele disse que não tinha troco, elas estavam de TPM!

Um homem, dificilmente, seria acusado de estar com TPM caso discutisse com o caixa da padaria. Faz parte do seu MCI ter um comportamento mais agressivo e assertivo, diferentemente da mulher, de quem é esperado maior calma e delicadeza.

4.2. Luis Fernando Verissimo e o perfil do “homem que é homem”

“Homem que é homem” é uma crônica escrita por Luis Fernando

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Veríssimo, que busca, de modo bem-humorado, discorrer sobre qual seria o MCI de homem. Qualquer comportamento masculino que saísse desse padrão indicaria a existência de um homem “veado” ou de uma “mulherzinha”, reforçando o gênero feminino como frágil e inferior.

Você não quer que pensem que você é um primitivo, um retrógrado e um machista, mas lá no fundo você torce pelo HQEH. [...] Existe um HQEH dentro de cada brasileiro, sepultado sob camadas de civilização, de falsa sofisticação, de propaganda feminina e de acomodação.

HQEH só vê futebol na TV. Bebendo cerveja. HQEH arrotta e não pede desculpas.

Este país foi feito por Homens que eram Homens. O que seria desse país se Dom Pedro I tivesse se atrasado no dia 7 em algum cabelereiro? [...] Você pode imaginar o Rui Barbosa de sunga de crochê? O José do Patrocínio de colant? O Tiradentes de brinco numa orelha só? [...]. Profissão para um HQEH é motorista de caminhão. Daqueles que, depois de comer um mocotó com duas Malzibier, dormem na estrada.

A crônica coloca seus leitores em situações, em princípio, constrangedoras para um “homem que é homem” (HQEH), como uma ida a uma apresentação de balé, ir a um local para meditação etc., pois um HOMEM de verdade, seguindo seu MCI, seria durão, grosseiro e desinteressado em relação a atividades artísticas e/ou culturais.

HQEH não tem “amigas”, quem tem “amigas” é veado [...]. Um HQEH não responde a testes. Um HQEH acha que teste é coisa de veado.

HQEH nunca vai a vernissage.

A chamada “masculinidade frágil” e os papéis sociais do feminino e do masculino, como se existissem objetos/acessórios para homens e mulheres, como, por exemplo, um batom neutro (que, na verdade, é usado apenas para uma melhor hidratação dos lábios) são discutidos.

Coisas que você jamais encontrará em um HQEH: batom neutro para lábios ressequidos, pastilhas para refrescar o hálito, entradas para um espetáculo de mímica.

Veríssimo traz à tona a afirmação de que homens não podem fazer atividades artísticas, como falado anteriormente, pois é essa é considerada uma prática feminina.

Se você quer um HQEH no momento mais baixo de suavidade, precisa vê-lo no balé. Na saída ele diz que até o porteiro é veado e que se enxergar mais alguém de malha justa, mata.

É também evocada, segundo esse MCI de HOMEM, a agressividade, que permite a violência e intolerância de homens heterossexuais.

O MCI de MULHER seria o oposto; elas são sensíveis e educadas, e os homens que agem assim seriam os “veados”. Os homens são durões, mal-educados, machistas, grosseiros e não respeitam ninguém além de si mesmos e outros HQEH.

4.3. Claudia Tajese as “mulheres líquidas”

Em “líquidas”, a escritora Cláudia Tajese postula que mulheres choram mais do que os homens. Ambos nascem iguais, com o passar do tempo, porém, as mulheres passam a frente, chorando excessivamente e por qualquer motivo.

A gente passa a vida comprovando: mulheres choram mais que os homens. [...] no duro, doa a quem doer, o páreo é desigual. [...] Basta um motivo ou uma suspeita de motivo, e pronto. Lá vem água.

No começo todo mundo chora igual. [...] Mas já na tenra infância as diferenças aparecem. Assim como um certo charme de fábrica, o choro logo vira arma das meninhas. [...] Enquanto os guris são meio toscos e conseguindo o que querem na base da chateação, elas usam da negociação e, quando o recurso falha, das lágrimas para não comer chuchu, não dormir, ganhar um presentinho fora do previsto, atrair a atenção, encerrar uma briga.

Na adolescência, bom, daí só chamando o Departamento de Águas e Esgotos para fechar o registro. Se o guri não gosta da gente. Se o guri gosta. Se a gente engorda. Se é magra demais. [...].

MULHERES SÃO SERES INSENSATOS, DESEQUILIBRADOS. São incoerentes, nunca estão satisfeitas. Aprendem, desde cedo, que o CHORO É ARMA FEMININA. Ou seja, elas se reconhecem nesse MCI de MULHER como alguém frágil e sensível e se valem disso para evitar algo indesejável, assim como para conseguir aquilo que querem.

Segundo a autora, não se trata apenas de um problema hormonal. Mas o biológico se encontra presente: MULHERES SÃO LÍQUIDAS / CAIXAS D'ÁGUA.

Não que faltem argumentos, o problema é que sobram lágrimas. Aí entram todas as explicações hormonais possíveis, mas quer saber? Reduzir um fenômeno da natureza a hormônio é muita falta de sensibilidade. Mulheres são líquidas.

[...] Chorava tanto que um dia meu pai, homem prático, abriu a porta do quarto e disse: “Mas quem sabe vai ler em vez de ficar nesse chororô?”. Tivesse seguido o conselho dele, hoje eu seria um gênio.

Os homens, em oposição, são seres práticos, sensatos. Analisam

objetivamente a situação e não se permitem perder tempo com besteiras, sentimentalidades.

4.4. Martha Medeiros e a “masculinização” da mulher

“O que é ser mulher” de Martha Medeiros é uma crônica que demonstra a visão do “ser mulher” perante à sociedade contemporânea brasileira. Já no início, nota-se uma perspectiva essencialista acerca do comportamento dos homens e mulheres. Para a autora os hábitos, condutas e atitudes da pessoa são orquestrados pelos cromossomos; como ela diz: “basicamente, ser mulher é ter nascido com os cromossomos XX.”

Ao longo do texto, é apresentado ao leitor um modelo prototípico de mulher, referindo-se a ações que não fazem parte do “ser mulher” como naturais de homens. É perceptível o MCI de MULHER descrito no texto; elas são frágeis, delicadas, submissas, entre outros, e qualquer modo de agir diferente seria uma “masculinização”.

Sofremos uma descaracterização. [...] Entramos no mercado de trabalho, passamos a ter liberdade sexual e deixamos para ter filhos mais tarde, se calhar. Somos presidentes, diretoras, empresárias, ministras. Sustentamos a casa. Escolhemos nossos carros. Viajamos a serviço. Saímos à noite com as amigas. Praticamos boxe. O que é ser mulher, nos perguntam. Pois, hoje, ser mulher é praticamente ser um homem.

Nossa masculinização é um fato. [...] não nos deram nada de mão beijada, ganhamos posições no grito, falando grosso. E agora está difícil reconhecer nossa própria voz.

“Sou mais macho que muito homem” não é apenas o verso de uma música de Rita Lee, é pensamento recorrente de cérebros femininos. [...] Nada de errado. Acumulamos uma energia bívolt e isso tem nos trazido inúmeros benefícios – deixamos de ser um simples acessório, nos integralizamos. Mas essa nova mulher ainda se permitirá um segundinhode “cuida de mim”? Se os homens estão se permitindo ser frágeis, por que não nos permitimos também, nós que temos os royalties dessa condição?

Após falar sobre as mulheres de hoje em dia, a autora começa, mais especificamente, a discorrer sobre a feminilidade e sobre como as mulheres que a perderam podem recuperá-la.

É no amor que a mulher recupera sua feminilidade. É na relação a dois. Na autorização que dá a si mesma de se sentir cansada e de permitir que o outro tome decisões e a surpreenda. É através do amor que voltamos a confiar cegamente, a baixar a guarda e a deixar que nos seduzam – sem considerar isso ofensivo. Muitas mulheres estão desistindo de investir

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

num relacionamento por se julgarem incapazes de jogar o jogo ancestral: eu, provedor; você, minha fêmea.

Os homens sabem que já não iremos nos contentar em receber mesada e ficar em casa guardando a ninhada, mas, na intimidade, que tal deixarmos a testosterona e o estrogênio interpretarem seus papéis convencionais?

Um amor sem tanta racionalidade, sem demarcação de território, sem guerra pelo poder. Amolecer de vez em quando, com entrega, com gosto.

Verifica-se, mais uma vez, a visão essencialista dos hormônios ditando como a relação deve funcionar. Nesses cortes, podem ser observadas metáforas HOMENS SÃO PROVIDORES, MULHERES SÃO PROPRIEDADES MASCULINAS, e CRIANÇAS, devendo, portanto, ser cuidadas e sustentadas.

Encontra-se, igualmente, a metáfora AMOR É GUERRA. E, nessa relação, a mulher deve baixar a guarda, confiar cegamente e deixar que o homem vença: ele deve tomar as decisões e seduzir.

Enfim, ao longo do texto, há uma representação prototípica de como a mulher deve ser e se comportar. As que se afastam do membro mais prototípico é vista “praticamente como um homem”, o que leva igualmente à dedução, por alguns trechos e pelo próprio uso do termo “masculinizar”, uma base do que seria a posição do homem (forte, provedor) e, conseqüentemente, de como ele deve se comportar junto à mulher.

5. Considerações finais

Conforme pode ser observado, em todas as crônicas analisadas, houve uma recorrência da imagem de mulheres como submissas, desequilibradas. Seja por influência hormonal, ou devido a uma estratégia para alcançar o que se almeja, esse MCI de MULHER é recorrente. Aquela que não se moldar a ele, poderá ser considerada uma mulher “masculinizada”.

Os homens também acabam por sofrer a imposição de padrões considerados naturalmente masculinos: eles devem ser provedores, práticos, objetivos, equilibrados e sensatos (frescura é coisa de mulher).

É preciso ressaltar que todas são crônicas contemporâneas, o que nos revela que esses posicionamentos permanecem presentes em nossa sociedade e precisam ser repensados. Por mais que uma mulher tenha conseguido alcançar sua independência financeira, no relacionamento amoroso ela deve deixar que “a natureza cumpra o seu papel” e se subor-

dinar ao homem. Assim como devem se mostrar frágeis, sensíveis.

Para concluir, é necessária a consideração que este trabalho se encontra em sua fase inicial. Pesquisas futuras com novas crônicas e autores devem ser feitas para observar a recorrência (ou não) desses padrões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de *et al.* Breve introdução à linguística cognitiva. In: _____. *Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: PUBLIT, 2009. p. 15-50

CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: *Para gostar de ler: crônicas*. São Paulo: Ática, 2003. p. 89-99

KÖVECSSES, Zoltán. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

_____. *Metaphor and Emotion: language, culture, and body in human feeling*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. *Language, mind, and culture: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2006.

_____. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, George. The meaning of literal. In: *Metaphor and Symbol*, V. 1, n. 4, p. 291-6, 1986.

_____. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

_____; _____. *Metáforas da vida cotidiana*. Coord. da trad. Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

LIMA, Paula; FELTES, Heloísa; MACEDO, Ana Cristina. Cognição e metáfora: a teoria da metáfora conceitual. In: MACEDO, Ana Cristina; FELTES, Heloísa; FARIAS, Emilia Maria (Orgs). *Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul: Educs; Porto Alegre: Edipucrs, 2008. p. 127-165

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: ____; PEDRO,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Joana Maria (orgs.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 469-512

SCHRÖDER, Ulrike Agathe. Metáforas tecnológicas do cotidiano: uma análise do falar alemão. In: *Pandaemonium Germanicum*: revista de estudos germanísticos, n. 8, p. 235-61, ago. 2004.

_____. Da teoria cognitiva a uma teoria mais dinâmica, cultural e socio-cognitiva da metáfora. In: *Alfa*, São Paulo, V. 52, n. 1, p. 39-56, jan. 2008.